

**Centro cultural CEEE – Érico Veríssimo:  
o papel da arquitetura de interiores e do mobiliário na rearquitetura**

Viviane Villas Boas Maglia

Arquiteto e Urbanista – UniRitter – 1986  
Professora Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo /  
LHTA – Laboratório de História e Teoria da Arquitetura UniRitter

Rua Orfanotrófio, nº555  
90840-440 – Porto Alegre – RS  
Fone: (51) 3230.3333 – Fax: (51)3264.2005  
e-mail: vmaglia@ritterdosreis.br

**Resumo:**  
**Centro cultural CEEE – Érico Veríssimo:**  
**o papel da arquitetura de interiores e do mobiliário na rearquitetura**

Esta comunicação pretende mostrar a experiência de transformação do antigo edifício comercial Força e Luz, de 1928, tombado pelo Patrimônio Histórico do estado, em Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, realizada em 2002, em Porto Alegre. Projetado para abrigar acervos literários de escritores gaúchos, o Museu da Eletricidade e espaços complementares em 2800m<sup>2</sup> de área construída, a solução apresentou grande complexidade por buscar atender aos quesitos de acessibilidade, segurança e conforto dos usuários.

O projeto do mobiliário, assim como a especificação dos acessórios e complementos para o Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, foi feita de acordo com o mesmo conceito empregado no projeto arquitetônico: criar, em um edifício histórico que faz parte da memória da cidade, um espaço contemporâneo, animado e de intensa atividade, que de alguma forma resgatasse a imagem do escritor Érico Veríssimo, e também previsse as diferentes possibilidades de uso de um espaço desta natureza.

Além de uma Sala em homenagem ao escritor, utilizada para diferentes eventos, o programa previa o Espaço Institucional da CEEE, Sala de Exposições e loja, auditório, bilheteria e *bomboniére*, café, biblioteca, depósitos, copas e salas de trabalho técnico, locais com necessidades específicas de projeto e que tiveram soluções desenvolvidas e detalhadas para execução sob medida, considerando as questões relativas à durabilidade, versatilidade e possibilidade de reprodução, assim como a unidade entre eles e os elementos industrializados. Questões relacionadas à acústica, luminotécnica e acessibilidade, foram consideradas não só pelo projeto arquitetônico, mas também pelo mobiliário, equipamentos e acessórios especificados, buscando atender às normas vigentes e possibilitando o atendimento aos portadores de necessidades especiais,

O projeto levou em conta o design contemporâneo, resistência e versatilidade para adaptar-se às diferentes circunstâncias e ao uso intenso que determinadas situações programáticas exigem. Para esta eventual mobilidade, foi importante a possibilidade de modulação/empilhamento, prevendo deslocamentos que não comprometessem a homogeneidade e a leveza da ambientação dos espaços, ou ainda o armazenamento em áreas bastante restritas.

O mobiliário, os acessórios e os complementos dos diferentes ambientes contrastam claramente com a linguagem da arquitetura original do edifício, evidenciando a contemporaneidade do espaço criado pela rearquitetura. Acessórios e complementos foram definidos em consonância com o conceito de atualidade que norteou a especificação dos móveis, apresentando as mesmas características de contemporaneidade, resistência e versatilidade, mantendo a homogeneidade e a leveza visual, especificados preferencialmente de indústrias locais, em acabamentos e cores claras, buscando a leveza visual.

O trabalho tem relevância na discussão proposta pelo Seminário por permitir uma troca de experiências no tema de reaproveitamento de edifícios históricos para novos usos, cada vez mais comum no Brasil, abordando o papel da arquitetura de interiores nos edifícios do passado que passam por transformações para atender a novos programas e necessidades contemporâneas.

Palavras-chave: Modernismo  
Análise de projeto  
Arquitetura de interiores

**Abstract:**  
**Cultural center CEE-Érico Veríssimo:**  
**the role of interiors architecture and of the furniture in the restoration**

This paper aims to show to the experience of transformation of the old commercial building Força e Luz, of 1928, in Cultural Center CEEE Erico Veríssimo, carried through in 2002, in Porto Alegre. Protected as Historic Site of the state, the building was reprojected to shelter literary archives of gauchos writers, and the Museum of the Electricity and complementary spaces, in 2800m<sup>2</sup> of constructed area. The solution presented great complexity for searching to attend users' accessibility, security and comfort. The project of the furniture, as well as the specification of the accessories and complements for Cultural Center CEEE Érico Veríssimo, was made in accordance with the same concept used in the architectural project: to create, in a historical building that is part of the memory of the city, a contemporary space, livened up and of intense activity, rescuing the image of writer Érico Veríssimo, and also foreseeing the different possibilities of the use of a space of this nature. Beyond an Homage Room to the writer, used for different events, the program foresaw an Institucional Space of CEEE, Exhibition Hall and store, theater, ticket office and bomboniére, coffee, library, deposits, pantries and technical rooms, places with specific necessities of project which had to size to solutions developed and detailed for execution, considering the relative questions to the durability, versatility and possibility of reproduction, as well as the unity between them and the industrialized elements. Questions related to the acoustics, lightening and accessibility had been considered not alone by the architectural project, but also by the specified furniture, equipment and accessories, searching to care for the effective norms and making possible the attendance to the special necessities carriers, The project took in account contemporary design, resistance and versatility to adapt it self to different circumstances and to the intense use that certain programmatical situations could demand. For this eventual mobility, the modulation possibility was important: piling up, foreseeing displacements that did not compromise the homogeneity and the slightness of the ambiance of the spaces, or yet storage in very restricted areas. The furniture, accessories and complements of different environments contrast clearly with the language of the original architecture of the building, evidencing the character of present time of the space created by the new architecture. Accessories and complements had been defined according to the contemporary concept that guided the specification of the furniture, presenting the same characteristics of contemporaneity, resistance and versatility, keeping the homogeneity and the visual slightness, specified preferential of local industries, in finishings and clear colors which searched visual slightness. The presentation has relevance in the quarrel proposed for the Seminary allowing an exchange of experiences in the subject of re-use of historical buildings for new programs, each time more common in Brazil, approaching the role of interiors architecture in buildings of the past which pass for transformations to attend new programs and contemporarie necessities.

Key-words:

Modernism

Project Analysis

Interiors Architecture

## Centro cultural CEEE – Érico Veríssimo: o papel da arquitetura de interiores e do mobiliário na rearquitetura

### O edifício original:

Projetado pelo engenheiro-arquiteto Adolf Alfred Stern<sup>1</sup>, com o objetivo de aumentar as dependências do Clube dos Caçadores, cuja sede localizava-se à Rua Andrade Neves, nos fundos do edifício hoje existente, a construção do edifício Força e Luz teve início em 1926 e sua conclusão em 1927. Na época de sua construção, período de grandes intervenções urbanas - como a abertura das avenidas Borges de Medeiros e Otávio Rocha - e de busca de uma imagem moderna para a cidade, a Legislação municipal<sup>2</sup> oferecia uma série de vantagens tributárias para prédios de seis ou mais andares, fixando para o número de três a altura mínima de construção na área central da cidade.

Localizado à Rua dos Andradas nº. 1223, a construção do prédio de seis pavimentos - térreo e mais cinco – visava à instalação de um Cassino na cidade de Porto Alegre<sup>3</sup>. Campanhas de repressão ao jogo e de moralização levaram o edifício, misto de clube e cabaré, popularmente conhecido como *Palácio das Lágrimas*, a ser embargado no ano seguinte, 1928.

Ainda no mesmo ano, em notícia publicada no Correio do Povo, a Companhia Brasileira de Força Elétrica anuncia a instalação, nesse endereço, dos escritórios técnicos da superintendência de sua controlada, a empresa Carris Porto-Alegrense, alugando o edifício de propriedade de Luiz Alves de Castro.

O que de fato se sabe é que em 1928, quando concluído, jornais da época publicam a notícia de sua locação para a Companhia Brasileira de Força Elétrica, para instalação de sua sede regional e loja de produtos elétricos. Pelo exame dos documentos e datas, pelo curto período entre a compra dos terrenos (1925), início das obras (1926) e a referida locação (1928), tudo leva a crer que o prédio não chegou a ser ocupado anteriormente. As várias histórias sobre as finalidades do edifício (cassino com bordel de luxo) provavelmente tenham origem nas intenções dos proprietários, que por alguma razão não chegaram a realizá-las. Porém, os rumores trazem uma explicação plausível para a existência dos inúmeros salões, a maioria nos fundos do edifício e com acessos não condizentes com sua importância.

---

<sup>1</sup> Adolf Alfred Stern, natural de Riga, na Letônia, nascido em 1879, foi projetista, construtor e fiscal representante da Escola de Engenharia em obras importantes como a Catedral Metropolitana de Porto Alegre, projetada e construída sob a responsabilidade de Josef Hruby. Autor de vários projetos residenciais e de sua própria residência à Rua Santo Inácio, n.º 300. Seu projeto mais importante é o Edifício Força e Luz, que durante muitos anos foi sede da CEEE. Veio a falecer em 12 de janeiro de 1929.

<sup>2</sup> Lei nº 51, dezembro de 1925.

<sup>3</sup> Revista *Brasilelectric*, das empresas Elétricas Brasileiras S.A

A Companhia Brasileira de Força Elétrica, logo que assumiu a posse do imóvel, deu início a uma série de intervenções, inserindo seu nome na fachada e construindo um acesso recuado com porta lateral e vitrina, adaptando-o às suas finalidades, inaugurando-o em abril de 1929.

A imprensa deu grande destaque à inauguração, principalmente devido à então inusitada loja de eletrodomésticos, um modelo de casa com todos os equipamentos que funcionavam com eletricidade, como máquinas de lavar roupas e refrigeradores. A vitrina era profusamente iluminada<sup>4</sup> e ali também ocorriam cursos e eventos que buscavam promover e esclarecer a utilização correta da energia elétrica e dos benefícios trazidos por ela.



Figura 1: Fotos antigas dos interiores do Edifício Força e Luz

O edifício passou a ser uma referência na cidade, vinculado à idéia de eletricidade; idéia reforçada pelo luminoso e pelas letras de cimento na fachada - que existem até hoje - com os dizeres *Força e Luz*. Em mosaico preto e branco no piso da entrada do edifício encontra-se o lema da Companhia: *Servimo-lo com prazer*. Apesar de não configurar uma arquitetura particularmente digna de destaque, sua fachada é uma legítima representante de sua época e alguns dos espaços internos, em especial a loja, com seus vitrais, escadaria e colunas, o tornam bastante interessante.

Em 1943 a Comissão Estadual de Energia Elétrica extinguiu a CBERG e criou, a partir daí a Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE, ainda hoje uma das responsáveis pela geração de energia no Estado, privatizada nos anos 90. Mais tarde, a partir de 1945, o imóvel foi ocupado pelo Jockey Club do Rio Grande do Sul, com o objetivo de usá-lo como sede social para festas e recepções, local de eleições, reuniões da diretoria e dos conselhos do clube.

Em agosto de 1967, o Edifício Força e Luz foi desapropriado a favor da Companhia Estadual de Energia Elétrica<sup>5</sup>, desde então a sua nova proprietária. Suas dependências abrigaram, por quase cinco décadas, a loja, serviços de atendimento aos clientes e escritórios da CEEE.



Figura 2: Edifício Força e Luz

Em fevereiro de 1977 o Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul - MERGS instalou-se no Edifício Força e Luz. O museu, primeiro deste gênero no Brasil, abriga cerca de duas mil peças, máquinas e equipamentos, documentos, bibliografias e filmes que testemunharam o início e o desenvolvimento da utilização da eletricidade como fonte de energia no estado. Posteriormente, devido à precariedade das condições do prédio e de suas instalações hidráulicas e elétricas, a Gerência da CEEE e o Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul - MERGS – mudaram-se para a nova sede da companhia na Avenida Ipiranga.

Com o passar do tempo, o edifício sofreu inúmeras intervenções que acabaram por descaracterizar os espaços internos de seu projeto inicial, entre elas a criação e adaptações de sanitários, de mezaninos e novas circulações que buscavam ampliar o acesso público aos

---

<sup>5</sup> Em 1887, a cidade de Porto Alegre implantou o serviço de iluminação elétrica, através de concessão do poder público, com a fundação de uma companhia de nome Fiat Lux. Em 1923, foi fundada a CEERG - Companhia de Energia Elétrica Rio Grandense - ligada a Companhia Brasileira de Força Elétrica sediada no Rio de Janeiro pertencente a um grupo americano denominado AMFORP – American & Foreign Power Co. A AMFORP instalou-se no Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre em 1928 e neste momento, englobou as três usinas existentes na cidade, a Fiat Lux, a Usina Municipal e a Companhia Força e Luz Porto Alegrense.

amplios compartimentos dos fundos, em diferentes e fracassadas tentativas de adequá-lo como edifício comercial contemporâneo. As sucessivas reformas e tentativas de atualização, como a introdução de ar condicionado ou outros confortos modernos, resultaram em complexidade e caos, o que levou - até mesmo por segurança - à desocupação da edificação. Tudo isso acabou prejudicando a arquitetura do interior do edifício, que à exceção da loja do térreo, tem seu maior valor, justamente na escala e na proporção de suas salas.

Localizado na rua mais antiga de Porto Alegre, o edifício faz parte do pequeno número de edificações que ainda conservam as características arquitetônicas originais, do início do século XX. Situado na via hoje conhecida como corredor cultural da cidade, no mesmo eixo da Usina do Gasômetro, Casa de Cultura Mário Quintana, Praça da Alfândega e os edifícios que a circundam – MARGS, Memorial do Rio Grande do Sul e Santander Cultural<sup>6</sup>, Livraria do Globo, o edifício Força e Luz é uma referência histórica, arquitetônica e cultural para a cidade de Porto Alegre.

Seu tombamento em âmbito estadual deu-se em maio de 1994<sup>7</sup>, não só por seu valor arquitetônico – sua fachada eclética é ricamente ornamentada, mas por determinados espaços internos dignos de menção por sua ambiência e revestimentos – e também por seu histórico como endereço de atividades tão distintas e ao mesmo tempo tão marcantes e representativas da evolução da sociedade local. De clube para jogos e encontros fortuitos a um dos primeiros prédios exclusivamente de escritórios do Estado, passando novamente por clube social e voltando a representar a companhia que marca a modernização da cidade – CEEE, o edifício Força e Luz marca a história e o imaginário da cidade.

### **A rearquitetura:**

A partir de 2001 o prédio Força e Luz passou a abrigar o Centro Cultural CEEE – Érico Veríssimo, fruto de um esforço conjunto entre a Companhia Estadual de Energia Elétrica, a Associação Cultural Acervo Literário de Érico Veríssimo e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Projetado pelo arquiteto Flávio Kiefer<sup>8</sup>, o Centro Cultural CEEE-Érico Veríssimo tinha como objetivo abrigar o MERGS - Museu da Eletricidade do Rio Grande do Sul e os acervos literários de Érico Veríssimo, Mário Quintana, Josué Guimarães, Reynaldo Moura, Pedro Escosteguy,

---

<sup>6</sup> Onde brevemente a restauração do Edifício Imperial receberá o Centro Cultural da Caixa Econômica Federal.

<sup>7</sup> conforme portaria 10/94, publicada no Diário Oficial do Estado em 09 de junho de 1994.

<sup>8</sup> Flávio Kiefer, (Porto Alegre, 1955) responsável pelo projeto do Centro Cultural Érico Veríssimo. Arquiteto (UFRGS/1979), professor da FAU-UniRitter (1993), como professor de projeto arquitetônico e posteriormente desenvolvendo a função de coordenador do curso, (1998/2003). Especialista em Transportes Urbanos (Programa de Cooperação Técnico Franco-brasileiro / 1981), Mestre em Arquitetura pelo PROPARG (UFRGS / 1998), doutorando PROPARG (UFRGS/em andamento).

Zeferino Brasil, Dionélio Machado, Oscar Bertholdo, Lilá Ripol e Manuelito de Ornellas, num centro de pesquisa e convivência aberto não só aos pesquisadores, mas ao público em geral.

A rearquitetura do edifício buscou compatibilizar seus valores primordiais com as novas intenções de uso. Em certo sentido, a solução proposta *valorizou muito mais a arquitetura do prédio do que a função que o ocupou por tantos anos e que acabou por desfigurar-lhe internamente*<sup>9</sup>.

O novo programa permitiu descartar a maior parte das intervenções que foram feitas ao longo dos anos, permitindo a recuperação, inclusive, de aspectos originais prévios à ocupação pela Companhia Brasileira de Força Elétrica. Um dos principais critérios da rearquitetura, entretanto, foi recuperar a idéia de *lugar* que o edifício já teve, trazendo-lhe de volta a animação, a vida intensa que já teve, tornando-o não apenas útil, mas resgatando-o como referência viva para a cidade. Dessa forma, o arquiteto fez alterações e acréscimos que tornaram possível sua revitalização levando os novos usuários a fazer uma dupla leitura: um lugar contemporâneo construído num lugar que tem uma história pregressa e que ambas são e foram interessantes, cada uma a seu tempo.

A reformulação dos espaços e da lógica de circulação interna, a substituição dos revestimentos, a instalação de novos elevadores, e equipamentos de segurança como sistemas anti-incêndio, escadas pressurizada e de emergência, elevadores para portadores de necessidades especiais trouxeram conforto e segurança ao Centro Cultural.

O edifício original tinha uma planta-baixa em “L”, composta por dois blocos distintos, o da frente, menor, voltado para a rua da Praia e o de fundos maior e com pé-direito duplo, ligados ao bloco da frente no térreo, no segundo, no quinto e sexto pavimentos. O segundo pavimento era ligado ao Jockey Club, que tinha o acesso pela Rua Andrade Neves, conforme figura abaixo.

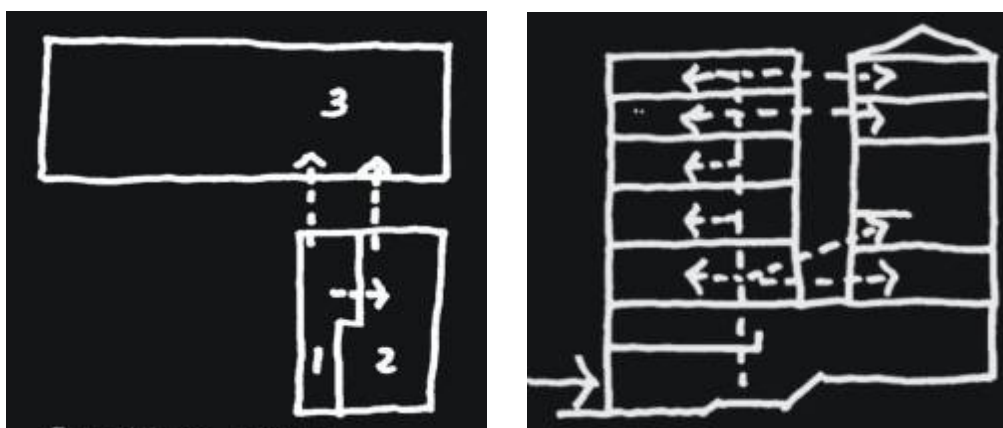


Figura 3: Esquema da Planta Baixa original e do Corte original

<sup>9</sup> KIEFER, Flávio. Adaptação de Edifícios Históricos para Museus – o caso do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo. Anais do Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.



A lógica de circulação vertical e de acesso aos pavimentos foi modificada unindo os dois blocos, conforme esquema abaixo. Criando dois poços internos verticais de ventilação / iluminação / circulação atingiu-se uma maior integração entre os dois volumes. Assim, novos elevadores foram inseridos no poço esquerdo, o que levou ao surgimento de um novo hall de distribuição. No poço da direita, foi colocada uma cobertura que possibilitou iluminação natural zenital ao longo do hall de distribuição em toda a altura do edifício.

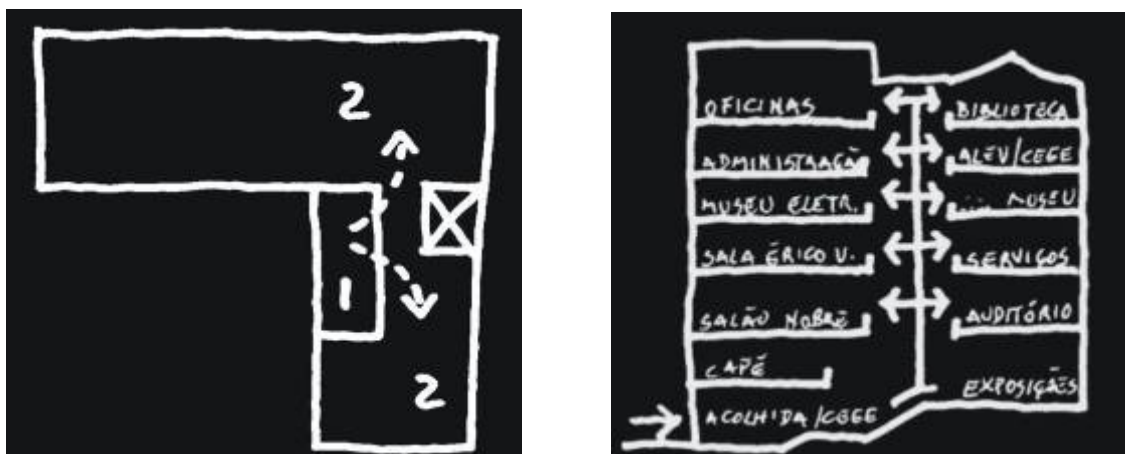


Figura 4: Esquema da Planta Baixa proposta do Corte Proposto

O uso das áreas internas foi reformulado de forma a atender às novas necessidades. Para tornar possível a revitalização foi necessário alterar totalmente alguns pavimentos, conservando outros, valorizando-os quando era o caso ou criando espaços mais contemporâneos.

O novo programa contempla Recepção, Loja/livraria, Sala de Exposições, Salão Nobre, Museu da Eletricidade, Museu Interativo, Sala Érico Veríssimo, sanitários públicos, Foyer, Auditório Multiuso com platéia, camarins, sala de projeção e área técnica, controle de som, *bomboniére* e sanitários, Sala de Atividades Múltiplas, Direção Geral, atividades administrativas, Assessoria de Imprensa e editoração, Arquivo dos Acervos, Sala de Catalogação, Biblioteca, Laboratórios de Restauração e Conservação, Oficinas de Criação, sala para guarda do acervo literário e salas para atividades múltiplas. Na cobertura estão localizadas a casa de máquinas de pressurização da escada, do elevador, gerador, reservatórios e torres de ar condicionado.

A fachada original, vitrais, gradis de ferro das sacadas, e o mármore de Carrara que reveste as escadas e o saguão de entrada, foram preservados, assim como a delimitação dos compartimentos do quinto e do sexto andar destinados ao Setor Administrativo, Biblioteca e área técnica.

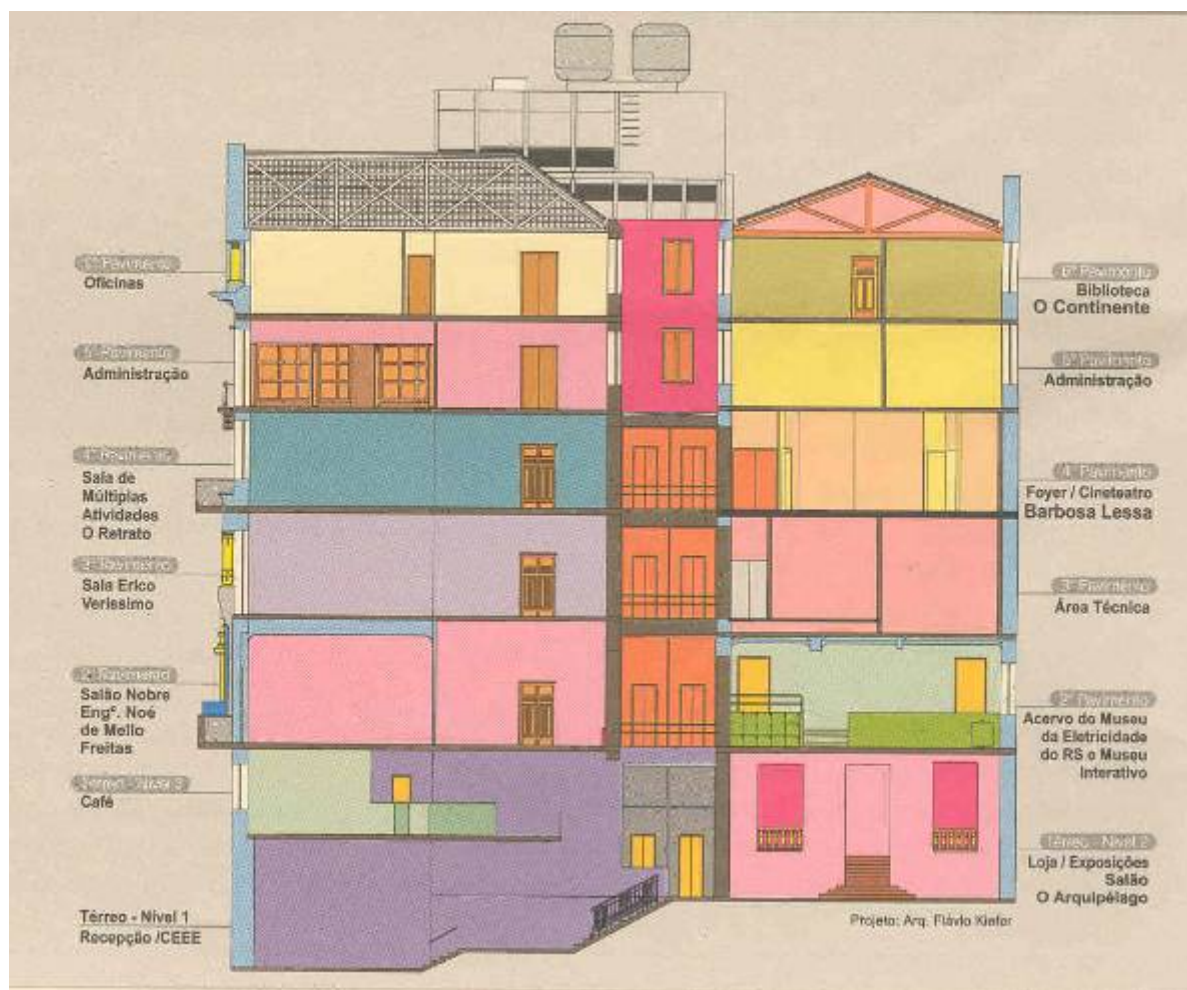


Figura 5: Corte esquemático

O projeto foi submetido aos órgãos fiscalizadores do patrimônio histórico e também contempla as mesmas normas de segurança, acessibilidade, proteção contra fogo exatamente como se fosse um edifício novo. Apesar de sua “cara” antiga, o edifício está em dia com as normas atuais.

### **O processo de trabalho da ambientação dos espaços internos:**

O processo de definição dos elementos necessários à ambientação dos espaços públicos e de trabalho passou por diferentes etapas, em vários encontros que inicialmente reuniam os arquitetos do projeto de rearquitetura e da arquitetura de interiores, a diretoria da CEEE, da ALEV e as coordenadoras dos acervos da PUC e posteriormente com os técnicos responsáveis pelos acervos literários e pelo MERGS.

O primeiro momento foi o definidor do conceito da linha de trabalho a ser adotada, que se estabeleceu a partir das discussões com o arquiteto. O conceito empregado no projeto de rearquitetura do Centro Cultural CEEE-Érico Veríssimo caracterizou-se por transmitir uma imagem de dupla leitura: um espaço contemporâneo, animado, de vida intensa, que ocupa um edifício histórico, que faz parte da memória da cidade. O projeto do mobiliário, assim como a especificação dos acessórios e complementos para o Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo, foi feito de acordo com a mesma idéia: criar, nesse edifício histórico, parte do imaginário e da

história da cidade, um espaço contemporâneo, dinâmico, de intensa atividade, prevendo as diferentes possibilidades de uso de um espaço desta natureza.

O segundo momento caracterizou-se pelas sucessivas reuniões entre os arquitetos e os integrantes dos vários setores da CEEE e da ALEV que viriam a ocupar o edifício, nas quais foram definidas as necessidades específicas de cada um dos ambientes, num levantamento cuidadoso. Entre as solicitações dos clientes estavam claras as demandas relativas à resistência e à versatilidade, uma vez que muitos dos espaços previam atividades variadas, adaptando-se às diferentes circunstâncias e ao uso intenso que determinadas situações programáticas exigem, como sala de aula, palestras, entrevistas, lançamentos de livros / eventos ou de exposições.

Também era bastante desejável que houvesse mobilidade: com a possibilidade de modulação /empilhamento da maior parte dos expositores e cadeiras, prevendo deslocamentos/armazenamento em áreas bastante restritas. A homogeneidade entre a linha de móveis sob medida e a industrializada também era uma das premissas iniciais, além da obrigatoriedade de atender aos portadores de necessidades especiais. Também havia o desejo de incentivar a indústria local e trabalhar com madeiras certificadas. A partir disso, elaborou-se um anteprojeto que propôs o layout de cada sala em cada andar, apresentado aos clientes para discussão, a partir do qual se desenvolveu o projeto definitivo.

No terceiro momento, o projeto definitivo, acompanhado do detalhamento dos elementos que seriam executados sob medida e a especificação dos móveis e complementos industrializados foram apresentados para aprovação. Além disso, foram também apresentadas planilhas com as definições de fornecedores, modelos, cores, materiais, revestimentos, acabamentos, custos e cronogramas de entrega.

No quarto momento, após a aprovação do projeto final, iniciou-se o processo de aprovação dos orçamentos e compra dos itens especificados, bem como o acompanhamento da execução dos elementos sob medida.

No quinto momento foi feito o acompanhamento da montagem e da disposição correta dos móveis, acessórios e complementos nos locais previstos. Finalmente, após a conclusão dessa etapa, foi entregue à coordenação do centro cultural um caderno de especificações com a planta-baixa mobiliada de cada pavimento, onde o layout de cada sala estava acompanhado de planilhas com a especificação dos itens ali utilizados, além do fornecedor daquele item, prevendo uma possível futura necessidade de reposição ou complementação dos elementos.

## **O conceito e o mobiliário**

A proposta conceitual para a solução dos espaços internos e do mobiliário buscou evidenciar a contemporaneidade da rearquitetura através da linguagem atual dos móveis, acessórios e complementos dos diferentes ambientes, num claro contraste com a linguagem da arquitetura original do edifício.

As mesas, estações de trabalho, gaveteiros, cadeiras, sofás, poltronas e armários foram especificados em acabamentos e cores claras, buscando a leveza visual e a uniformidade, não só entre as salas de um mesmo pavimento, mas também entre os distintos pavimentos do edifício. A preferência por indústrias locais, sempre que possível, buscava incentivar a divulgação de marcas gaúchas e também visava a possível necessidade de complementação, de acordo com novas exigências que pudessem surgir.

A especificação destes móveis levou em conta o design contemporâneo, resistência e versatilidade para adaptarem-se às diferentes circunstâncias e ao uso intenso que determinadas situações programáticas demandavam.

Para alcançar esta mobilidade desejada, foi importante a escolha de cadeiras que apresentassem a possibilidade de modulação/empilhamento, prevendo deslocamentos que não comprometessem a homogeneidade e a leveza da ambientação dos espaços, ou ainda o armazenamento em áreas bastante restritas.

O Espaço Institucional da CEEE, a sala de exposições O Arquipélago e sua loja, o auditório Barbosa Lessa, com seus painéis acústicos, bilheteria e *bomboniére*, o balcão do café, a biblioteca o Continente, suas estantes, os balcões de recepção e expositores presentes em diferentes pavimentos, bem como os depósitos, copas e salas de trabalho técnico, locais que tem necessidades específicas de projeto, tiveram suas soluções desenvolvidas individualmente e foram projetados e detalhados para execução sob medida.

Todo este mobiliário, produzido artesanalmente, deveria considerar as questões relativas à durabilidade e possibilidade de reprodução, assim como a unidade entre eles e os elementos industrializados. Também foi importante a versatilidade, especialmente nos módulos expositores, que podem ser utilizados vertical ou horizontalmente, como expositores abertos ou fechados. Para tanto, foram projetados em madeira maciça – tauarí, em cor natural, de modo que possam ser lixados e encerados, num processo bastante simples de manutenção/restauração, no caso de serem arranhados no deslocamento ou pelo uso intensivo que ocorre num espaço público.

Um dos requisitos iniciais da proposta era a obrigatoriedade de atendimento confortável aos portadores de necessidades especiais. Desta forma, não só a rearquitetura, em relação aos acessos, circulações horizontais e verticais, mas também o mobiliário deveria contemplar essa premissa. Assim, os balcões de atendimento de cada um dos pavimentos foram projetados com duas alturas diferenciadas, uma para o público que ingressa no espaço normalmente e outra para os cadeirantes.

## **A solução**

No pavimento térreo, o acesso se dá por uma pequena entrada na lateral esquerda do edifício, que induz o visitante a fazer um giro de 90° à direita para ingressar na recepção, localizada na área da antiga loja. A compartimentação entre acesso/recepção foi o resultado da necessidade

de criar uma saída de emergência que passa pela escada principal, original do edifício, transformando-a em escada protegida.

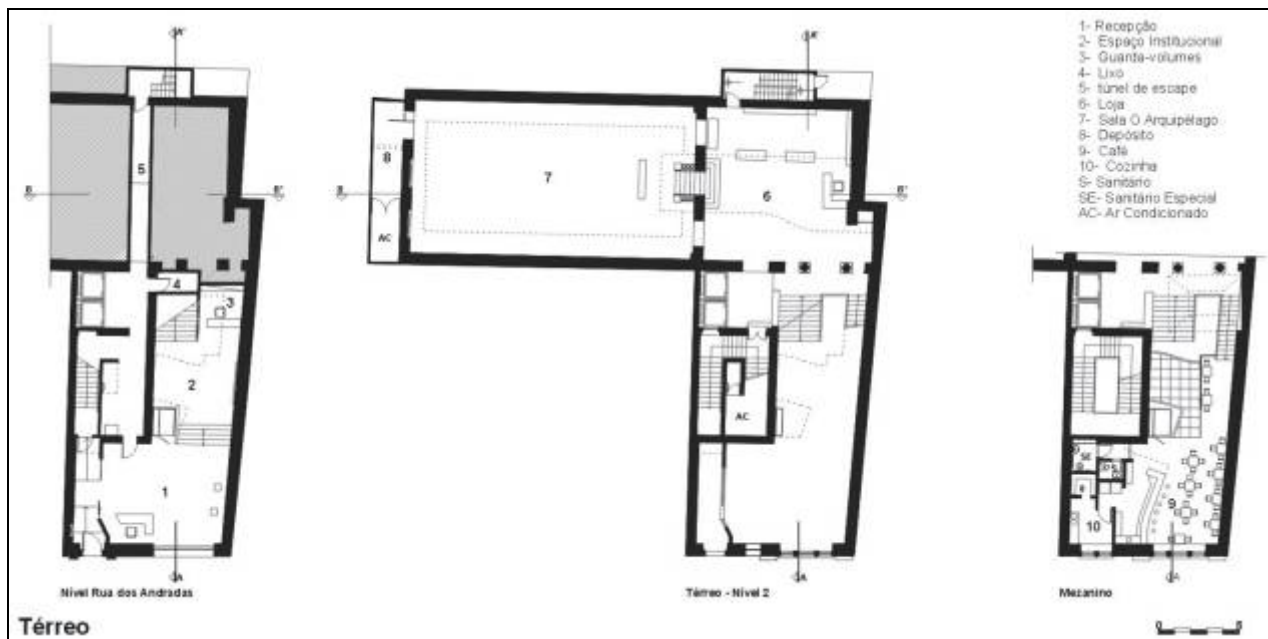


Figura 6: Planta-baixa do Pavimento Térreo e Mezanino

No pavimento térreo localizam-se, além do o acesso e da recepção, o guarda-volumes e o Espaço Institucional da CEEE. Todos estes ambientes caracterizam-se pela necessidade de apresentar balcões de recepção ao público. Executados sob medida, em madeira maciça, buscando uma maior durabilidade e resistência, também era imprescindível que esses balcões atendessem aos portadores de necessidades especiais, sendo assim, projetados com duas alturas diferenciadas.



Figura 7: Hall de entrada com recepção e guarda-volumes.

Em um nível intermediário, conforme a planta-baixa encontra-se a Sala de Exposições O Arquipélago, que se configura como uma ampla sala retangular, para a qual foram projetados bancos e expositores sob medida. Os bancos, em lâminas de madeira maciça encaixadas, prensadas e coladas, não deveriam apresentar nenhum tipo de reforço, ferragem ou estrutura aparente, o que levou à necessidade de construção de protótipos em escala real para avaliação da resistência das lâminas ao esforço a que seriam submetidas.



Figura 8: Vista da Sala de Exposições O Arquipélago

No mezanino situado acima do acesso localiza-se o Café. Atendida por um elevador para portadores de necessidades especiais e visualmente integrada à loja que antecede a Sala de Exposições, o mobiliário da cafeteria também obedece ao mesmo conceito empregado inicialmente: acabamentos e cores claras, buscando a leveza visual e unidade com o restante do conjunto.



Figura 9: Vista do Café tendo a loja ao fundo

No segundo pavimento encontra-se o Salão Nobre Engenheiro Noé de Mello Freitas com acesso à sacada do edifício, o Museu da Eletricidade - o MERGS - e o Museu Interativo, ambiente projetado pelo artista plástico Élcio Rossini com experimentos interativos projetados pelo arquiteto Pedro Mohr.

Para este pavimento, além dos balcões de recepção ao público, semelhantes aos empregados no pavimento térreo, uma das principais preocupações era a necessidade de expor o acervo do Museu de Eletricidade, que conta com mais de 2000 itens em formas e dimensões variadas.

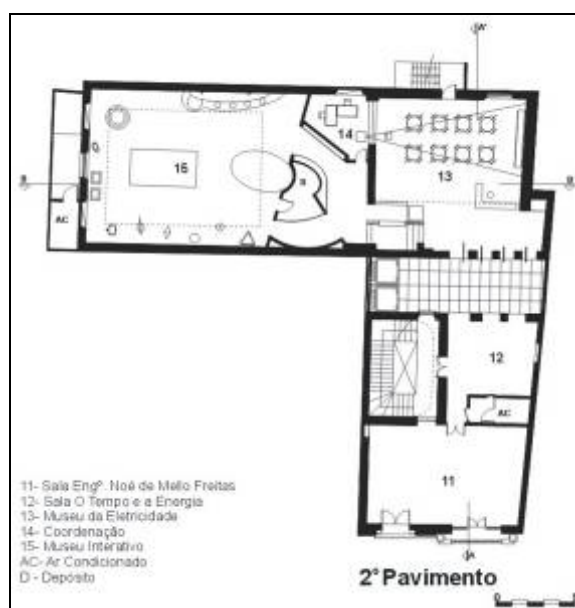


Figura 10: Planta-baixa do 2º Pavimento

Os expositores atendem à mesma idéia dos bancos: lâminas de madeira maciça encaixadas, sem nenhum tipo de reforço, ferragem ou estrutura aparente, em cubos e retângulos de diferentes dimensões em modulação baseada nas dimensões 60x60, 60x90 e 60x120 cm.



Figura 11: Salão Nobre Noé de Mello Freitas / MERGS



Figura 12: Protótipo dos cubos expositores – madeira maciça

No terceiro pavimento encontra-se a sala Érico Veríssimo, um dos espaços mais importantes do centro cultural, destinado a sessões de autógrafos, debates sobre literatura (prática rotineira na casa do escritor) e lançamento de livros. Também neste andar encontram-se os sanitários públicos, os camarins, o palco e área técnica que atende o auditório do Centro Cultural.

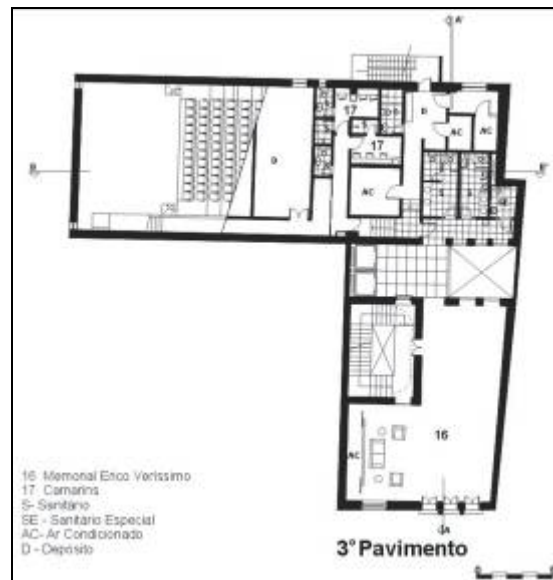


Figura 13: Planta-baixa do terceiro Pavimento

De acordo com a solicitação do cliente, a sala Érico Veríssimo deveria ser uma reprodução do ambiente onde Érico Veríssimo trabalhava em sua residência. Dada à impossibilidade de reunir a variedade de livros, obras de arte e *bric-a-brac* colecionados ao longo da vida do escritor, a reprodução fiel daquele ambiente seria impossível. Assim, uma fotografia em preto e branco em 360° da sala original na residência da família Veríssimo, feita pelo artista plástico Leandro Selister, foi utilizada como pano de fundo.





Figura 14: Sala Érico Veríssimo

O mobiliário especificado para este ambiente deveria atender às diferentes necessidades programáticas recebendo, eventualmente, parte das cadeiras empilháveis estocadas no depósito.

Os móveis ali utilizados não deveriam comprometer a visualização da imagem fotográfica em 360°. Por outro lado, deveriam respeitar a unidade desejada, o que levou à especificação de sofás e poltronas em linhas retas e na cor preta e mesas laterais no mesmo acabamento dos expositores e bancos.

No quarto pavimento encontra-se o Auditório Barbosa Lessa, seu Foyer, sala de projeção e controle de som, *bomboniére* e sanitários, além de uma sala de atividades múltiplas, chamada *O Retrato*.

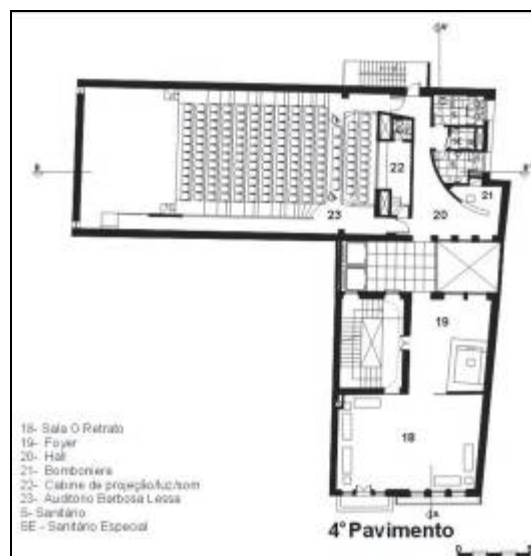


Figura 15: Planta-baixa do quarto pavimento

O Auditório, com capacidade para 160 pessoas, foi projetado para eventos diversos, como congressos, seminários, peças de teatro, projeção de filmes, apresentações de concertos musicais e grupos folclóricos. Entre essas várias possibilidades de uso, uma das maiores dificuldades seria a solução da acústica do ambiente. Calculados e dimensionados por um especialista na área, o arquiteto Flávio Simões, os painéis acústicos do auditório Barbosa Lessa deveriam atender às necessidades de absorção e de reflexão de som sem comprometer a estética, mantendo certa unidade de linguagem com o mobiliário do edifício.

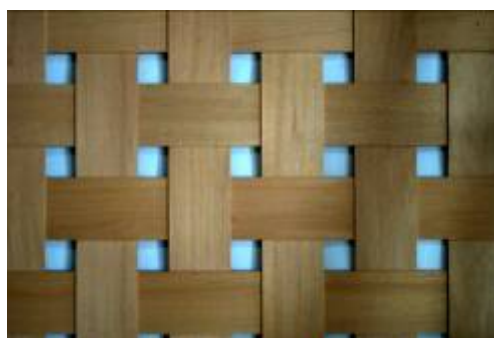


Figura 16: Painéis acústicos

Protótipos em escala real, em delgadas lâminas da mesma madeira trançada foram a solução encontrada. Atendendo ao mesmo conceito do restante do mobiliário, madeira maciça em cor clara, explorando a idéia de encaixes, estes painéis exigiram uma série de testes relativos à dimensão x comprimento x espessura das lâminas para sua execução. Ao mesmo tempo, o cálculo da área das superfícies absorvente e reflexiva tinha que ser respeitado. Assim, a solução encontrada foi fixar, por trás das lâminas em madeira tramada, os painéis acústicos absorventes que a função requeria. Como no caso dos bancos, esses painéis também foram testados em relação à sua resistência, uma vez que se localizam no corredor de acesso e circulação da platéia.



Figura 17: Foto do Auditório Barbosa Lessa

O quinto pavimento abriga atividades administrativas do Centro Cultural CEEE – Érico Veríssimo: ali se encontra a direção geral, a assessoria de imprensa e editoração, o arquivo dos acervos e sala de catalogação. Esta é uma das poucas áreas restrita ao público. Este andar utilizou principalmente as linhas de móveis industrializados, nos mesmos padrões e acabamentos dos outros pavimentos. Na sala de arquivos dos acervos, onde são guardados manuscritos originais e outros materiais de consulta especial, sob solicitação, foram utilizados armários deslizantes em aço. Esta solução foi encontrada como forma de minimizar os danos que poderia ser causados por fungos ou insetos que encontram um ambiente adequado a seu desenvolvimento na madeira e pela estabilidade do material em relação à absorção de umidade.

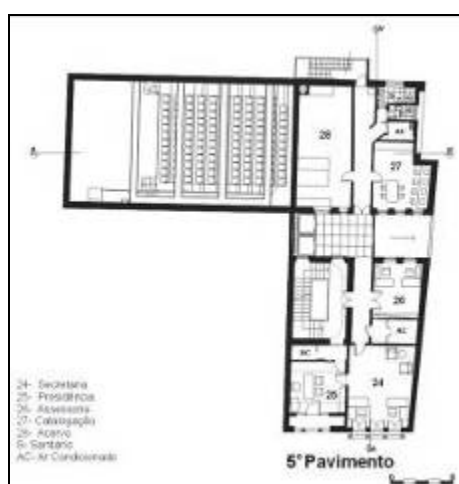


Figura 18: Planta-baixa do quinto pavimento

Neste andar, alguns dos compartimentos ainda apresentavam os pisos de parkê originais e paredes com revestimentos em almofadas de madeira em boas condições, o que levou à decisão de restaurá-los e valorizá-los localizando ali as salas da direção, administração e reuniões.



Figura 19: Administração

No sexto pavimento encontram-se a biblioteca, as oficinas de criação de poesia e leitura de textos, oficinas interdisciplinares, além de laboratórios de restauração e conservação de papel. Restritos à visitação pública, estes laboratórios e oficinas são os espaços de trabalho profissionais e pesquisadores da área literária. Parte do mobiliário ali empregado - balcões,

bancada de trabalho da oficina de restauração e armários - foi de móveis sob medida. As cadeiras e mesas de escritório foram especificadas no mesmo padrão dos outros ambientes, em móveis industrializados.



Figura 20: Planta-baixa do sexto pavimento

A biblioteca *O Continente*, um dos principais espaços públicos do centro cultura, localizada neste pavimento, abriga as coleções particulares e de acesso restrito dos escritores gaúchos. Como em todos os outros andares onde se previu a presença de público externo, também ali o balcão de recepção se caracteriza pela atenção para com os portadores de necessidades especiais, com dois níveis diferentes de atendimento. Na área da sala de leitura também deveriam estar armazenados os acervos especiais, ou seja, edições especiais, de colecionador, que deveriam ser fechadas à chave por motivos de segurança. Porém, uma vez que o ambiente tinha controle de temperatura e umidade do ar, as portas dos armários receberam fechamento em tela, permitindo a ventilação e mantendo todo o acervo em temperatura e umidade constantes.



Figura 21: Biblioteca O Continente – Recepção



Figura 22: Armários para coleções especiais



Figura 23: Estante e Ilha de atendimento da biblioteca O Continente

Na cobertura do edifício, sobre o volume frontal do edifício, estão localizadas a casa de máquinas de pressurização da escada, a casa de máquinas do elevador, o gerador, os reservatórios e as torres de ar condicionado.

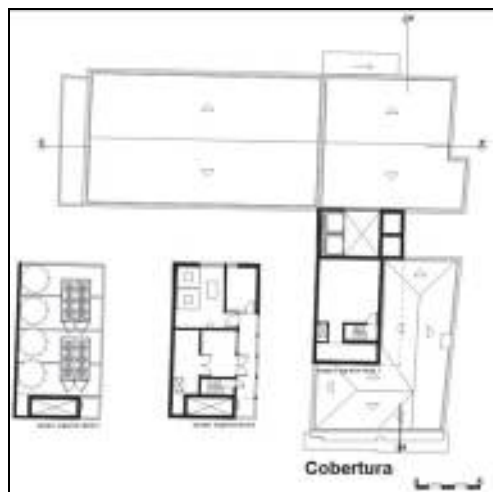


Figura 24: Planta-baixa da cobertura

### **Acessórios e Complementos**

Os acessórios e complementos foram definidos em consonância com o conceito de atualidade que norteou a especificação dos móveis. Cada um dos elementos especificados devia apresentar as mesmas características de contemporaneidade, resistência e versatilidade, mantendo a homogeneidade e a leveza visual. Lixeiras, cinzeiros e todos os elementos necessários à utilização dos espaços passaram pela mesma criteriosa seleção dos móveis utilizados nos diferentes ambientes. Mesmo as luminárias e os elementos de comunicação visual e sinalização, desenvolvidos especialmente para o conjunto, foram definidos a partir das discussões entre os responsáveis pela execução dos serviços de cálculo luminotécnico e sinalização e pelos

arquitetos responsáveis pelo projeto e pela ambientação dos espaços, assegurando uma postura coerente ao fio condutor adotado pela rearquitetura.

## **O resultado**

O resultado alcançado pela rearquitetura do Centro Cultural CEEE-Érico Veríssimo confirma o pensamento corrente de que a utilização do edifício antigo, reciclado e requalificado é perfeitamente possível. Nesse caso em especial, os usos e necessidades do novo programa, em suas múltiplas dimensões, estão atendidos pela justaposição do novo ao antigo, agregando conforto e segurança aos usuários.

A arquitetura de interiores e o desenho do mobiliário desempenham um papel coadjuvante, mas fundamental na apropriação do espaço pelo público, pois reforçam as intenções do arquiteto na adequação do edifício aos padrões atuais. O processo de reabilitação pelo qual passou o edifício não foi apenas técnico, não buscou apenas a sua recuperação como *estrutura construída*, mas, por sua preocupação em criar ambientes atrativos, acolhedores, dinâmicos e funcionais, garantiu-lhe a *permanência*, como partícipe da história passada, presente e futura da cidade.

O processo cuidadoso da intervenção, que partiu de uma pesquisa abrangente em relação à arquitetura, estrutura, história, legislação, programa, etc., possibilitou a harmonia entre os atributos da pré-existência e o potencial do novo uso. Esse cuidado na eleição dos meios apropriados foi o tornou possível alcançar um resultado final onde as características modernas que foram incorporadas ao edifício não apagaram as singularidades do passado.

## **Ficha Técnica do Centro Cultural CEEE – Érico Veríssimo**

### **Arquitetura, Gerenciamento de Projetos e Fiscalização da Obra**

Arq. Flávio Kiefer (autor)

Arq. Carmen Nunes, Arq. Leonardo M. Hortencio, Arq. Marcelo Kiefer (colaboradores)

Roberta T. N. Lopes, Elisa Tormena (estagiárias)

### **Mobiliário e Acessórios**

Arq. Viviane Villas Boas Maglia (autora), Arq. Anelis Flôres (colaboradora)

### **Estruturas**

Padoin & Sachs Engenharia de Estruturas

### **Projeto de Instalações e Segurança**

Filippon Engenharia Ltda

### **Projeto de Ar Condicionado**

Projetos Avançados Engenharia Ltda

### **Projeto Luminotécnico**

Arq. Anna Maria Hennes

### **Comunicação Visual**

Arq. Júlio Caetano da Silva (autor)

Camilo Bassols (estagiário)

### **Museu Interativo da Eletricidade**

Arq. Pedro Alfredo Mohr, Eng. Frederico Sporket, Alberto Maurício Drechsler, Shirley Blauth Mohr e Élcio Rossini

### **Acústica**

Arq. Flávio Simões

### **Consultoria**

Alexandre Pinho

Elaine Azambuja

Ricardo Azevedo

### **Painéis Artísticos**

Lia Menna Barreto

Leandro Selister

### **Orçamentação**

Planitec Ltda

### **Gerenciamento da Obra**

Ramos Andrade Engenharia

Eng. Daniel Andrade, Arq. Roberto Hentschke

Marcio Borsói, Cesar Gustavo Ramos (estagiários)

### **Supervisão da Execução**

Eng. Carlos Marcelo Cecin, Arq. Herculano Almeida Barreto, Arq. Eunice Fichtner Patines

### **Administração da Obra**

Pedro Longhi

### **Execução da Obra**

Engenhosul Obras

Eng. Aquiles Dal Molin Jr.

Eng. Helmar José Wildner

Eng. Alexandre Ribu de Freitas

Arq. Isabel Cristina Dias de Freitas

### **Serviços e Equipamentos**

Arteglass – Recuperação do Vitral

Conectare – Cabeamento Estruturado

HI Engenharia – Instalações

Klift – Ar Condicionado

Móveis JAL – Marcenaria

Ortobrás – Plataformas Elevatórias

RA Arte Antiguidade – Restauração de Esquadrias

Thyssen Krupp – Elevadores

Tradesign

### **Consultoria Cultural**

Telos Empreendimentos Culturais

Fernando Schüller

### **Bibliografia**

**ALDRICH**, Virgil C. *Filosofia da arte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 141 p.

**ALESSANDRIA**, Jorge. *Imagen y Metaimagen*. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 1997. (Enciclopedia Semiológica)

**ALLEN**, Gerald. *Arte y Proceso Del Dibujo Arquitectónico*. GG, 1982.

**CANEZ**, Anna Paula. Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. Unidade Editorial, 1998. Porto Alegre.

**CARUCCIO**, Margot. *Edifício Força e Luz - Centro Cultural CEE Erico Veríssimo*. 2002. (Levantamento Histórico).

**CASTRIOTA**, Leonardo Barci (org.). *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

**CORONA**, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. In: Becker, Klaus. Enciclopédia Sul-Riograndense. Canoas: Regional, 1957, v.3, p.217-270.

**CENTRO** Cultural CEEE Érico Veríssimo já é uma realidade. Jornal Tomada Geral Porto Alegre, nov/dez de 2002 p.15.

**ECO**, Umberto. *O signo*. Lisboa: Presença. 1985.

**ECO**, Umberto. *História da Beleza*. São Paulo: Record, 2004

**FERRARA**, Lucrecia D'Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, 1993. 277 p.

**HARVEY**, David. *Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola. 1994.

**HUYSEIN**, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

**KANDINSKY**, Vassili. *Sobre lo espiritual en el arte*. Buenos Aires: Need, 1998.

**KIEFER**, Flávio. Adaptação de Edifícios Históricos para Museus – o caso do Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo. Anais do Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

**LIEDKE**, Ediolanda, **GRAZZIOTINI**, Izabel Cristina e **RHODEN**, Luiz Fernando. *Edifício Força e Luz. Levantamento Cadastral e Pesquisa Histórica* v. 1. RS design Brasil. Arquitetura e Restauo LTDA. setembro de 2000 a janeiro de 2001. Porto Alegre.

**MACHADO**, Nara Helena Naumann. Modernidade, Arquitetura e Urbanismo: O Centro de Porto Alegre (1928 – 1945). PUCRS, 1998. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em História do Brasil), Porto Alegre. 1998.

**OLIVEIRA**, Clóvis da Silveira. *Porto Alegre - A cidade e sua formação*. p.70

**REVISTA BRASILELECTRIC**, Rio de Janeiro, 25/05/1929, v.1 nº5.

**WEIMER**, Gunter. Levantamento de Projetos Arquitetônicos Porto Alegre – 1892 a 1957. Procempa. Prefeitura de Porto Alegre. 1998.

**WEIMER**, Gunter (org). *Arquitetura. História, Teoria e Cultura*. Editora Unisinos. São Leopoldo. 2000.

**WEIMER**, Gunter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. São Paulo: FAU, USP, 1989, p. 76.

**WEIMER**, Gunter.(org.). *Bibliografia da Arquitetura Gaúcha Estudos Tecnológicos Unisinos Arquitetura*. São Leopoldo, n14/15 1988 v.2 O -Z.